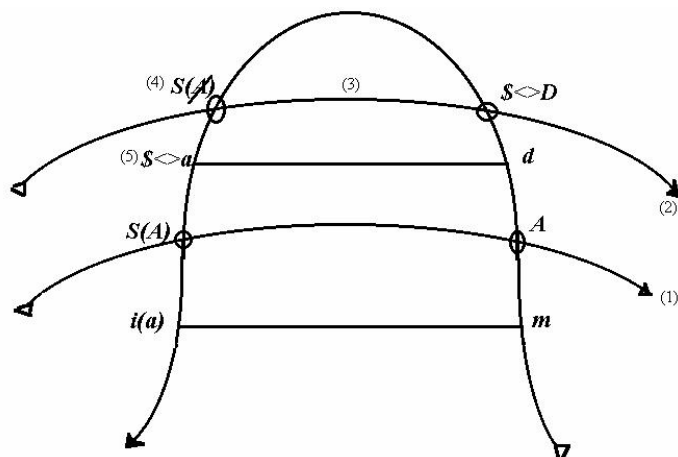


4 de junho de 1958

## Seminário da quarta-feira de 4 de junho de 1958



Freud, na análise da *Psicologia das massas e a análise do eu [m]*, dedica um capítulo à identificação.

Durante estes poucos seminários que ainda teremos este ano, vamos, pois, nos encaminhar no campo aberto por Freud após a primeira guerra, lá para os anos 1930, da tópica. Porque o temos percorrido este ano, ao tentarmos dar uma dimensão do inconsciente, daquilo que isso representa. É só isso que nos permitirá, sobre o fato da tópica, de não nos perdermos em seus sentidos costumeiros.

Seremos, pois, conduzidos a indicar pelo menos o que quer dizer esta tópica e particularmente por que ela veio ao primeiro plano da função do eu [m] num sentido totalmente outro e diferente, quanto mais complexo, do uso que se fez dele desde então. Isto, para mostrar a .....

Por enquanto, tiro deste capítulo sobre a identificação - evidentemente é preciso dizê-lo, vocês devem ver em que sentido isso se aplica à relação que vou lhes dar dos três tipos de identificação distinguidos por Freud. Sobre este esquema, que está aqui e que para vocês deve ter, no ponto em que estamos, o valor justamente de uma mediação, de um esquema de articulação, e até da interpretação daquilo que concerne à estrutura do inconsciente, na medida em que esta estrutura do inconsciente está fundamentalmente estruturada como uma palavra, como uma linguagem, e por outro lado, daquilo que dela emana como tópica, precisamente, vocês vão vê-lo imediatamente.

Freud distingue três tipos de identificação. Isto está nitidamente articulado, e num certo parágrafo, nitidamente resumido.

O primeiro tipo de identificação é a forma mais original de elo ..... a um objeto <sup>1</sup>.

A segunda forma é aquela sobre a qual ele mais se demorou neste capítulo, que por sinal, é a base concreta de toda a reflexão de Freud em torno da identificação fundamental ligada a tudo quanto é da tópica.

Porém não esqueçamos, como fato primeiro, antes de apreciarmos, por assim dizer, as diferentes partes da tópica freudiana, na medida em que pertencem a este famoso esquema

<sup>1</sup> Poderia ser: *de do, de ligação*, entre um sentimento e um objeto.

4 de junho de 1958

em formato de ovo que tivesse um olho, que é o esquema que imaginam, que intuitivaram as relações *do isso* [*du ça*], do *eu* [*moi*] e do *supereu* [*surmoi*], um olho e em algum lugar uma espécie de pipeta que entrasse na substância que é presumida representar o *supereu* [*surmoi*]. É um esquema evidentemente muito prático. É justamente o inconveniente. É que para representar as *coisas topológicas*, usam-se os esquemas espaciais. É uma necessidade da qual eu mesmo não escapo, posto que represento minha tópica com um esquema espacial. Tento fazê-lo com o mínimo de desvantagens, porque o que diferencia a tópica de um esquema espacial, é que este esquema, aquele, por exemplo, minha pequena rede, imaginem por exemplo, que vocês o tomem e o amassem, que dele façam uma pequena bola e que a coloquem em seu bolso. Em princípio, as relações permanecem sempre as mesmas, são relações de laço, de ordem. É evidentemente mais difícil de fazer com o esquema do ovo, posto que este está inteiramente voltado para esta projeção espacial.

Então, vocês imaginam que, com *o isso* [*le ça*], Freud quer designar algo que está em algum lugar, que é um órgão sobre o qual há esta espécie de protuberância representada pelo *eu* [*moi*], que efetivamente vem aí como um olho. Depois, leiam o texto: ele não alude de maneira alguma ao que quer que seja que se represente com este caráter substancial, algo que permita representar isso como uma espécie de diferenciação organizada. O desenvolvimento dos órgãos corporais é uma coisa totalmente diferente. O termo identificação quer dizer uma coisa completamente diferente. O termo identificação suporta diferenciações que são de uma outra espécie, que estão numa outra ordem que as diferenciações de órgão.

É muito importante lembrá-lo nem que fosse porque isso pode ir muito longe. Afinal de contas, há pessoas que imaginam, quando fazem uma anatomia, que estão tirando uma fatia de *supereu* [*surmoi*]. E não só elas o pensam, mas também elas o escrevem e o fazem com este pensamento.

Vejamos como Freud articula este segundo termo da identificação. A segunda forma de identificação se produz sobre a via de uma regressão, como substituição para uma ligação a um objeto, ligação libidinal que equivale a uma introdução do objeto no mundo.

Repito: esta segunda forma de identificação é aquela que, em todo o discurso de Freud em *A Psicologia das massas e a análise do eu* [*moi*], mas também em ....., lhe cria mais problemas, sua relação ambígua com o objeto. É aí também que todos os problemas da análise estão reunidos, particularmente o problema do complexo de Édipo invertido.

Por que, em certos casos e na forma do complexo de Édipo invertido, o objeto, que é um objeto de ligação libidinal, se torna um objeto de identificação?

Em certos casos, é mais importante sustentar o problema colocado, que resolvê-lo de uma maneira qualquer. Não há absolutamente nada obrigatório em nos fazermos uma representação de uma solução possível, qualquer, desta questão. Afinal, esta questão pode ser a questão central, a questão aquém da qual somos sempre condenados a permanecer, aquela que constitui o ponto pivô. É preciso que haja em algum lugar, porque, aonde nos coloquemos para considerarmos que todos os problemas estão resolvidos, permanecerá sempre esta pergunta: Por que estamos aí? E como chegamos, para estarmos no ponto onde tudo está claro?

É claro que deve haver um ponto que faz com que justamente, permaneçamos-nos mergulhados na pergunta. Não digo que aquele ponto é o ponto de que se trata, mas afinal,

4 de junho de 1958

é claro que Freud, ele, em todo caso o arrodeia, e não pretende em lugar algum, tê-lo resolvido.

O que é importante, todavia, é ver como as coordenadas deste ponto zero, por assim dizer, variam. Repito, esta é a questão essencial, a da relação do amor para com um objeto e a identificação que está dada fundamentalmente, pela experiência, para vir depois.

Aqui, Freud introduz da maneira mais clara a distinção e a oposição que é aquela que no final de um de nossos seminários recentes, tinha aludido ao problema da relação ao *lûlq* da oposição, em suma do ser e do ter. É assim que ele articula a diferença que há entre a ligação erótica libidinal para um objeto amado e a identificação ao mesmo.

Mas Freud nos diz claramente o que sua experiência lhe traz. É que esta identificação é sempre de natureza regressiva. As coordenadas, as correlações desta transformação de uma ligação libidinal em identificação, são coordenadas que mostram que há regressão.

Penso que sabem o suficiente para que eu não precise colocar os pingos nos is. Em todo caso, nas sessões precedentes, eu já articulei, com a que se testemunha uma regressão. Evidentemente vocês o sabem, mas se trata de saber, aqui, como isso se articula. É assim: é a escolha dos significantes que dá claramente a indicação. Aquilo que chamamos de regressar ao estágio anal, com todas as suas nuances e variedades, e até ao estágio oral, é sempre isso que vemos no presente, opor no discurso do sujeito, significantes regressivos.

Não há outra regressão na análise, a não ser aquela em que o paciente, o sujeito se coloca em seu divã como uma criança de peito, e até lhe imitando os gestos, os comportamentos, o que às vezes ocorre. Mas não estamos habituados em ver nisso a verdadeira regressão que vocês vêem na análise. Isso acontece, esta espécie de afetação, de simulacro, por parte do paciente, mas geralmente não são casos de bom auguro, e não é isso que vocês costumam chamar de regressão.

No ponto em que estamos destas duas formas de identificação, vamos tentar aplicá-las sobre nosso esquema e ver o que elas querem dizer.

Se as duas linhas que, quando nos colocamos aqui, isto é, no nível de necessidade do sujeito, o termo está sendo usado em Freud, assinalo de passagem que Freud, e justamente a propósito da mesma reflexão concernente ao advento da identificação e suas relações com o investimento do objeto, nos diz, numa certa frase:

*Mais tarde devemos admitir que o investimento do objeto .....*

Faço notar de passagem, que a tradução de ..... destes capítulos os torna propriamente ininteligíveis, algo os faz dizer exatamente o contrário do texto de Freud. Este termo de investimento do objeto está aí traduzido por concentração sobre o objeto, o que é de uma escuridão incrível.

*..... que o investimento do objeto provém do Es, do isso que percebe as incitações eróticas como necessidade*

Vocês vêem que o *Es* aqui, é algo que se propõe como muito ambíguo. Ele percebe as incitações eróticas, as pressões, as tensões eróticas, como necessidade.

O que quer seja da perspectiva da necessidade, estas linhas, pois, dão os dois horizontes da demanda, isto é, da demanda aqui na qualidade de articulada, demanda de satisfação de

4 de junho de 1958

uma necessidade, na medida em que toda e qualquer demanda de satisfação de uma necessidade deve passar pelos desfiladeiros da articulação tais como a linguagem os torna obrigatórios, e, por outro lado, pelo simples fato de passar ao plano do significante, por assim dizer, em sua existência e não mais em sua articulação, o que daí resulta no nível daquele a quem se dirige a demanda, isto é, do outro, desta demanda incondicional de amor na medida em que ela está ligada ao fato de que aquele a quem se dirige assim está ele mesmo simbolizado, isto é, que ele aparece como presença sobre fundo de ausência, que ele pode ser tornado presente na qualidade de ausência, isto é, este outro horizonte.

Antes que um objeto seja amado no sentido erótico do termo, no sentido onde o Eros do objeto amado pode estar percebido como necessidade, a instituição, a posição da Demanda cria o horizonte da demanda de amor.

Estas duas linhas estão separadas por este esquema, a da demanda, como demanda de satisfação de uma necessidade, e a da demanda de amor. Elas estão separadas por uma questão de necessidade topológica mas as notas de há pouco se aplicam. Isso não quer dizer que elas não sejam uma única e mesma linha, a saber, aquilo que a criança articula na mãe.

Em outras palavras, a ambigüidade, a simultaneidade, por assim dizer, de desenrolamento daquilo que ocorre sobre estas linhas na medida em que são linhas onde o que é da necessidade do sujeito se articula como significante, esta superposição, esta simultaneidade, esta ambigüidade, é algo que nos é sempre ofertado no estado permanente. Disso, vocês vão ver uma aplicação imediata: Esta ambigüidade é mui precisamente a ambigüidade que agora, ao longo de toda a obra de Freud, de maneira permanente, a noção de *transferência* como tal, entendo, da ação da *transferência na análise*, com a da *sugestão*. O tempo todo, Freud nos diz que a transferência, afinal, é uma sugestão, que a usamos como tal, mas ele acrescenta que é com a diferença que dela fazemos uma coisa totalmente diferente, posto que interpretamos esta sugestão.

Mas o que isso quer dizer, se não for que podemos interpretar a sugestão? É que um segundo plano se oferece à sugestão como tal, que, se eu puder dizer isso, a transferência em potencial está presente. Sabemos muito bem que isso existe e vou já lhes dar um exemplo disso.

A transferência em potencial já é uma análise da sugestão, ela é articulação secundária daquilo que, na sugestão, se impõe pura e simplesmente ao sujeito. Em outras palavras, a linha de horizonte sobre a qual a sugestão se baseia, está aqui, ela está mui essencialmente no nível da demanda, da demanda que o sujeito faz ao analista, pelo simples fato de que ele está presente.

Quais são estas demandas? Como podemos situá-las? É interessante orientar-se logo no início, pois isso varia muito. Há pessoas para as quais a demanda de cura está constantemente presente. Outras, mais avisadas, sabem que já no dia seguinte, ela está afastada. Outras ainda que estão aí para outra coisa que não a demanda de cura, estão aí para ver. Há outras que estão aí para se tornarem analistas. Que importância tem o fato de saber o lugar da demanda? Porque o analista, mesmo sem responder, instituído assim, responde, é constitutivo de todos os efeitos de sugestão, mas não digam que basta dizer que a transferência está presente, este algo graças a que a sugestão se opera. Isto é a idéia que as pessoas habitualmente fazem disso, não somente é a idéia que fazem, mas eu diria até que até em determinado momento de seu texto, Freud diz que convém deixar a

4 de junho de 1958

transferência se estabelecer, é porque é legítimo usar o poder. De quê? De sugestão que a transferência dá, a transferência considerada aqui como o poder do analista sobre o sujeito, como elo afetivo que faz o sujeito depender dele; que é legítimo que usemos dele para que uma interpretação passe.

O que é, senão neste nível enunciado da maneira mais clara, que usamos a sugestão? É porque o paciente, para chamar as coisas por seu nome, chegou a nos amar, que nossas interpretações são ingurgitadas. Estamos no plano de sugestão. Ora, evidentemente, Freud não pretende limitar-se a isso, Mas quando se diz sim, vamos analisar a transferência, observem atentamente a bifurcação que se apresenta neste nível, e que faz a transferência esvanecer completamente, na medida em que é, digamos - enfatizo os termos, porque não são os meus, mas os que estão implícitos - em toda e qualquer discussão sobre a transferência, na qualidade de tomada afetiva sobre o sujeito, pois se considerarmos que naquele momento nos distinguimos daquele que se apoia sobre seu poder e sobre o paciente para fazer passar a interpretação que sugere, nisto que vamos analisar os efeitos deste poder, o que fazemos, a não ser adiar a questão ao infinito? Pois, é a partir da transferência que analisaremos o que acabou de ocorrer no fato de que o sujeito aceitou a interpretação. Por exemplo, não há espécie alguma de razão de sair por esta via do círculo infernal da sugestão. Ora, supomos justamente que outra coisa seja possível. É que a transferência é outra coisa que não o uso de um poder. Há um campo aberto, a possibilidade de uma articulação significativa e diferente, outra, daquela que encerra o sujeito na demanda.

É por isso que é legítimo, qualquer que deva ser o conteúdo, pôr no horizonte isto que se chama aqui, não a linha da sugestão, mas sim a linha da transferência, isto é, este algo articulado que está potencialmente além daquilo que se articula no plano da demanda.

Ora, se aquilo que está aí, no horizonte, é o que a demanda produz como tal, a saber, a simbolização do outro, a saber, a demanda incondicional do amor, é aí que ulteriormente o objeto vem se alojar, mas na qualidade de objeto erótico. É aí que ele é visado pelo sujeito, e dizer que a identificação nele sucedente a esta visada do objeto na qualidade de amado, que a identificação, substituindo-a, é uma regressão, isso quer dizer justamente que aquilo de que se trata é a ambigüidade desta linha de transferência, por assim dizer, com a linha da sugestão, porque sabemos - e há muito que articulei isso, logo início, e Freud o articula aí - que sobre esta linha da sugestão se faz esta identificação que conhecemos bem, esta identificação aos insignos que faz com que o outro na qualidade de sujeito da demanda, aquele que tem o poder de satisfazê-lo ou não e que marca a cada instante esta satisfação por algo que evidentemente está no primeiro plano, sua linguagem, sua palavra, as relações faladas da crianças com a mãe - enfatizei sua importância, elas são essenciais - e que fazem com que todos os signos, toda a pantomima da mãe, como dizia ontem à noite, seja algo que se articule em termos de significantes que se cristalizam no caráter convencional destas mímicas pretensamente emocionais, que são aquilo com que a mãe se comunica com a criança e que dão a toda e qualquer expressão, no homem, das emoções, este caráter convencional que faz com que a pretendida espontaneidade expressiva das emoções se revele no exame, e isto, sem que se seja obrigado a ser freudiano para tal, não somente completamente problemática, mas extremamente flutuante, a saber, aquilo que, numa certa área de articulação significativa das emoções que significa uma certa emoção, pode, em outra área - é uma referência - ser de valor completamente diferente do ponto de vista das emoções.

4 de junho de 1958

Pois a identificação como tal, se ela for regressiva, é precisamente na medida em que a ambigüidade permanece entre a linha de transferência e a linha de sugestão.

Em outras palavras, não devemos estranhar que na continuação, no desenvolvimento, nos rodeios da análise, vemos as regressões se escandirem por uma série de identificações que lhes são correlativas, que lhes marcam o compasso, o ritmo. Aliás, elas são diferentes. Não pode haver ao mesmo tempo regressão e identificação. Uma são as paradas, as *stopagens* das outras. Mas se houver transferência, é mui precisamente para que isto seja mantido em outro plano que não sobre o da sugestão, a saber, que isto seja visado, não como algo a que nenhuma satisfação da demanda responde, mas como tal, como uma articulação significativa, e é isso que diferencia uma da outra.

Perguntarão qual é a operação que faz com que as mantenhamos distintas. Justamente nossa operação aqui é aquela que é abstinência ou abstencionista, que consiste como tal em nunca gratificar a demanda. Sabemos disso, mas ainda que esta abstenção seja essencial, por si só não é suficiente. Isto é evidentíssimo. É porque está na natureza das coisas que estas duas linhas permaneçam distintas, e justamente entre elas há todo este campo que, graças a Deus, não é pequeno, a saber, que nunca está abolido, e que se chama o campo do desejo, que elas podem permanecer distintas.

Em outras palavras, tudo quanto nos pedem, é, por nossa presença aí na qualidade de Outro, não favorecermos esta confusão, pois evidentemente, basta entendermos como Outro, e particularmente da maneira com que entramos, com este caráter que chamamos de permissivo da análise, mas permissivo sobre o plano verbal, unicamente. Mas isso basta. Basta que as coisas sejam permissivas no plano verbal. Por que? Não para que o paciente seja satisfeito, evidentemente, porque ele está satisfeito com isso, todavia, mas não está satisfeito nos elementos do real. Mas basta que esteja satisfeito no plano de demanda para que a confusão se estabeleça irremediavelmente entre estes dois planos: o que chamo de a linha de transferência e o que chamo de a linha de sugestão.

Somos, pois, por nossa presença e na medida em que escutamos o paciente, aquilo que tende a fazer se confundirem a linha da transferência com a de demanda, somos, pois, no princípio nocivos, é vivo que isso quer dizer.

A regressão é nossa via, mas é uma via descendente, é uma via que, em relação a nossa ação, não lhe designa o alvo, mas sim o desvio, e é isso que devemos ter constantemente em mente. Graças a Deus, há algo que impede que esta confusão irremediável se estabeleça, ainda que haja toda uma técnica da análise que não tem outra finalidade que não a de estabelecê-la, esta confusão, e é por isso que ela termina na neurose de transferência e depois vêem escrito numa revista francesa que se chama *Revista Francesa de Psicanálise* que, no que tange à maneira de resolver o que se chama a questão da transferência, só resta uma coisa a fazer: fazer sentar o doente, mostrar-lhe coisas gentis, dizer-lhe que fora é bonito, dizer-lhe para daí ir lá transpondo a porta com passos pequenos para não levantar as moscas, e isso, por um grande técnico!

Felizmente há entre as duas linhas que se opõem a esta confusão, o desejo, precisamente, e tudo isso são coisas tão evidentes que os hipnotizadores, digamos, simplesmente, aqueles que se interessaram à hipnose, o sabem muito bem que nenhuma sugestão, por mais êxito que tenha, se apodera inteiramente do sujeito.

4 de junho de 1958

O que resiste? Mui precisamente isto: Eu nem diria tal ou tal desejo do sujeito, é evidente, mas mui essencialmente isto: o desejo de ter um desejo. É ainda mais evidente, mas não é uma razão para não dizê-lo.

São estas formas para o sujeito de preservação necessária do desejo, graças a que ele permanece o que é da própria natureza humana, do sujeito humano como tal, um sujeito dividido. Se não for mais um sujeito dividido, ele está louco, ele permanece um sujeito dividido porque ele tem um desejo cujo campo, afinal, não deve ser muito cômodo a preservar, posto que o que estou lhes explicando é que, para mim, uma neurose está construída como está, uma neurose obsessiva, uma neurose histérica, é para manter algo articulado que se chama o desejo.

E isso está muito bem definido. A neurose não é a maior ou menor força ou maior ou menor fraqueza, ou a fixação entendida nesta espécie de sentido intuitivo que consiste em se imaginar a fixação como algo que ocorreu num ponto onde o sujeito pôs o pé num pote de cola, a fixação é evidentemente outra coisa. Se ela se parece com algo, é antes a piquetes destinados a segurar algo que, de outra maneira, iria embora.

É muito variável, aquilo que se chama de elemento quantitativo, a força do desejo nos neuróticos, e eu diria que é uma das coisas mais convincentes para assegurar a autonomia daquilo que se chama de a modificação estrutural na neurose. É mui evidente na experiência que nevrosado que têm a mesma forma de neurose são pessoas mui diversamente dotadas do lado daquilo que um dos autores em causa na neurose obsessiva chama em algum lugar de *a sexualidade exuberante e precoce* de um de seus pacientes.

Devo dizer que a sexualidade exuberante e precoce de um paciente que é aquele do qual está dito em algum lugar que se masturbava pinçando levemente a parte periférica do prepúcio, persuadido na época que se produziriam lesões irreparáveis, não ousava lavar ..... pois receava se ferir e de perder, de alguma forma, os conselhos de seu médico ..... Ele teve que consultar, haja visto os fracassos de suas tentativas de coito.

Sabe-se bem que tudo isso são sintomas. O sujeito se revelará pelo menos onde o autor conduz sua análise, muito capaz de satisfazer sua mulher e cumprir seus deveres de marido. Mas enfim... Não vamos falar de uma sexualidade exuberante que é a que, por qualquer força que seja que suponhamos suportados os sintomas, se deixa languescer, lograr até o ponto em que se possa dar uma descrição parecida de um sujeito já tendo atingido uma idade avançada. O que não quer dizer que, por outro lado, outro neurótico obsessivo não lhe mostrará um quadro diferente, por exemplo, de uma sexualidade que se pode qualificar como exuberante, e até como precoce.

É justamente esta diferença muito sensível nos casos clínicos, e que por sinal, não nos impedem de reconhecer que se trata em todos os casos de uma neurose obsessiva, que nos mostra que aquilo por causa de que é uma neurose obsessiva, se situa completamente alhures que não neste elemento quantitativo do desejo. Se intervir, será unicamente porque deverá passar pelo que chamo de os desfiladeiros da estrutura. Mas o que na oportunidade caracteriza a neurose, é a estrutura, isto é, este algo, por exemplo no caso de obsessiva, que faz com que seu desejo esteja fraco, quer ele esteja em plena puberdade, quer ele venha a nós com quarenta ou cinquenta anos e que ele queira fazer uma pequena idéia do que ocorreu, isto é, qualidade que não entendeu nada até então em sua existência, isto é, no momento em que seu desejo enfraquece. É o que em todos estes casos se apresentará não como a fraqueza ou a força do desejo, mas no fato em que, em compensação, fraco ou

4 de junho de 1958

forte, o obsessivo, durante todo o tempo de sua existência, está ocupado em colocar seu desejo em posição forte, a constituir uma praça forte do desejo, e isto no plano das relações que são relações significantes, essencialmente. Nesta praça forte, habita um desejo fraco ou forte.

A questão não é esta. Uma coisa certa é que em todos os casos, as praças fortes são de dois gumes: as praças fortes construídas sobre o exterior são ainda muito mais aborrecidas para os que estão dentro, e é aí que está o problema.

Vocês vêem, pois, que a primeira forma de identificação está definida para nós pelo primeiro laço ao objeto, isto no nível do que ocorre de identificação, se quiserem, para esquematizar, a identificação à mãe.

A outra forma de identificação é a identificação ao objeto amado na qualidade de regressivo, isto é, que ela deveria ocorrer completamente alhures, num ponto de horizonte que evidentemente não é muito fácil de ser atingido, posto que, justamente, sendo incondicional, ou melhor, submetido à única condição da existência do significante não há abertura possível alguma da dimensão de amor como tal quando da existência do significante. Ela é inteiramente dependente, sendo a única condição da existência do significante, mas no interior desta existência de nenhuma articulação particular, a não ser disto, que há a existência da articulação e é por isso que ela não é muito fácil de formular, posto que em suma, nada poderia satisfazê-la, nem mesmo a totalidade de meu discurso em toda minha existência, posto que ela é, além disso, o horizonte de meus discursos.

O que coloca justamente a pergunta de saber o que quer dizer este  $S$ , mas neste nível. Em outras palavras, de que se trata?

Não há por que estranhar que isso não constitua senão um horizonte, a saber, que todo o problema vai, a saber, o que vai se construir, se articular nesta direção, neste intervalo, nesta direção para a qual o que se articula para o neurótico é a boa, o neurótico que vive o quê? Vive o paradoxo do desejo, exatamente como todo mundo, pois não há humano inserido na condição humana que dele escape. A única diferença entre o que se chama uma relação normal do desejo e o neurótico não é simplesmente este paradoxo, pois este paradoxo do desejo é fundamental; é que o neurótico está aberto à existência deste paradoxo como tal, o que evidentemente não lhe facilita, simplifica a existência, mas também não o coloca numa posição tão ruim assim, de um certo ponto de vista que podemos nesta oportunidade perfeitamente articular o ponto de vista do filósofo. O ponto de vista do filósofo tampouco está claro. Em outras palavras, pode-se muito bem pô-lo a questionar da mesma maneira que do ponto de vista do neurótico. Nem se sabe se ele tem oportunidade de fazê-lo.

Quer isto seja válido ou não é certo que na natureza das coisas seja assim. É sobre algo, sobre uma via sobre uma linha, uma abertura, que ele tem algum parentesco com aquilo que o filósofo articula, ou pelo menos, que deveria articular, pois na verdade, já viram bem este problema do desejo, têm-no cuidadosa, correta e poderosamente articulado na via do filósofo. Até o momento, o que me parece uma das coisas mais características da filosofia é que esta aí o que há na filosofia mais cuidadosamente evitado.

Isto me incentivaria a abrir outro parêntese sobre a filosofia da ação e que desembocaria nas mesmas conclusões, a saber, que ação da qual se fala a torto e a direito, a saber, que se vê nela não sei que intrusão da espontaneidade, da originalidade do homem, na medida em que ele vem para transformar os dados do problema, transformar o mundo, como se diz. É



4 de junho de 1958

muito singelo que nunca se põe em relevo aquilo que, entretanto, para nós, é esta verdade de experiência, este caráter profundamente paradoxal e completamente parente do paradoxo, seus desejos à ação, seu traços e seus relevos que eu começava a introduzir na última vez, ao fazer alusão ao caráter de façanha, de *performance*, de demonstração da ação, e até de fim desesperado.

Todos estes termos que uso não são meus, porque o termo *Verzweifeln* é usado por Freud para designar a ação muito paradoxal, muito generalizada, a ação humana. A ação humana está especialmente lá onde se pretende designá-la, de acordo com a História, como a passagem do Rubicão. Meu amigo Coges fala disto como de algo que é o ponto de encontro, o ponto harmonioso entre o presente, o passado e o futuro destas almas, ainda que na última vez que passei por lá, estivesse seco. Era imenso, e na época em que eu estava lá, ele estava seco. Não era na mesma estação onde César o transpôs; e mesmo no tato que César transpôs o Rubicão com o gênio de César, no fato de transpor o Rubicão, há sempre algo que comporta que se jogue na água, já que é um rio.

Em outras palavras, a ação humana não é uma coisa tão harmoniosa assim, e para nós, analistas, é a coisa mais estranha do mundo que ninguém na análise se veja proposto ou colocado a articular o que concerne à ação, justamente nesta perspectiva paradoxal onde o vemos constantemente, e nunca outro. O que por sinal, nos dá bastante dificuldade para definir o que se chama propriamente falando, *acting-out*, sendo o *acting-out*, num certo sentido; é a este respeito uma ação como outra, mas que toma justamente seu relevo de ser provocada pelo fato de que utilizávamos a transferência, isto é, fazíamos algo extremamente perigoso, e quanto mais perigoso que, como vêm pelo que estou sugerindo, não temos uma idéia muito, muito precisa do que é.

Talvez isto seja uma indicação feita de passagem, que esclarecerá o que quero dizer se eu disser que a resistência, muito sensível e natural, a saber, a resistência, na medida em que, em certos casos, o sujeito não aceita interpretações tais como nós as apresentamos a ele no plano, justamente, da regressão, é uma coisa que parece dar tão certo no início, a saber, que para ele, isso não parece dar certo, e se o sujeito resistir, ele acabará certamente por capitular se insistirmos, haja visto que estamos sempre prontos a tocar a corda da sugestão. Esta resistência, na medida em que exprime a necessidade da conservação do ponto onde se trata justamente de articular de maneira diferente o desejo, a saber, no plano do desejo, esta resistência, que valor tem? Mui precisamente o valor que Freud lhe dá em certos textos. Se ele chama de ....., é porque ela é a mesma coisa que a transferência, a transferência no sentido em que eu lhes digo por enquanto, onde provavelmente aquilo que se trata de conservar é a outra linha, a linha da transferência, a linha onde a articulação tem outra exigência que não a que lhe damos, normalmente, imediatamente em resposta à demanda.

Gostaria de lhes dizer, após esta repetição que não é senão um bocado de evidências, mas de evidências que precisam, creio, ser articuladas, lhes dizer que a segunda identificação, quer dizer, o ponto onde se julga o que ocorre na qualidade de regressivo, que é este apelo, esta transferência que permite esta bagunça dos significantes que se chama a regressão e que deve nos levar a algo além de si mesmo, que é aquilo que tentamos visar por enquanto, a saber, como operar com a transferência, mas que naturalmente tende a se degradar em algo que podemos sempre satisfazer em seu nível regressivo de certa maneira, isto é, fazendo-nos uma certa concepção da análise, aquela que justamente se deixa fascinar pela noção de frustração e por várias articulações que, na ocasião, se exprimem de mil maneiras na relação de objeto.

4 de junho de 1958

Todas as maneiras, por assim dizer, de articular a análise, tendem sempre a se degradar, o que não impede a análise de ser, contudo, outra coisa.

A terceira forma de identificação, Freud a articula assim:

*Esta forma de identificação que pode nascer de uma comunidade recém-percebida com uma pessoa que absolutamente não é o objeto de uma pulsão sexual.*

Onde ela se situa, esta terceira identificação?

Freud exemplifica isso de uma maneira que não deixa ambigüidade alguma quanto à maneira de responder, sobre este esquema. Ele dá como exemplo a identificação da histérica. Ele a articula exatamente. Como eu sempre digo, Freud explica sempre da maneira mais clara: para a histérica o problema é fixar em algum lugar, no sentido em que um instrumento ótico permite fixar um ponto, fixar seu desejo, este desejo que, para ela, vem apresentar algumas dificuldades especiais.

Tentemos articular isto mais precisamente. Este desejo, está para ela destinado a não sei qual impasse, posto que ela não pode realizar esta fixação do ponto de seu desejo, a não ser à condição de se identificar a qualquer coisa, a um pequeno *traço* Freud o escreve: quando lhes digo um signo, um traço, um único traço, diz, não importa qual, de outra pessoa na qual ela pode pressentir que há o mesmo problema de desejo, isto é, que seu impasse - da histérica - lhe abre totalmente as portas do outro, pelo menos totalmente do lado de todos os outros, isto é, de todos os histéricos possíveis, e até de todos os momentos histéricos de todos os outros, na medida em que ela presente neles, por um instante, o mesmo problema que é o desta questão do desejo.

Eis, pois, como Freud o situa. Eu o mostrarei. A questão, ainda que se articule um pouco diferentemente, é, do ponto de vista da relação da topologia, a mesma, exatamente, para o obsessivo, e com motivo.

Em outras palavras, esta identificação de que se trata, é aquele que está aqui, a saber, o lugar onde, na última vez, lhes designei o fantasma no obsessivo. É na medida em que há um ponto onde o sujeito deve estabelecer uma certa relação imaginária com o outro, não em si, por assim dizer, e por quê? A saber, na medida em que é esta relação imaginária com o outro que lhe traz uma satisfação. Está enfatizado precisado que se trata aí de uma pessoa ou de um objeto que não tem relação alguma com um objeto sexual qualquer. É outra coisa, é um suporte, se quiserem, é uma marionete do *fantasma*. Dei a esta palavra toda a extensão que quiserem. Trata-se do fantasma tal como o articulei na última vez e tal como voltarei a ele, na medida em que o fantasma pode ser um fantasma inconsciente.

Aqui o outro não serve de nada. Não é pouco, permitir ao sujeito ocupar uma certa posição que evita este colóquio do desejo, que evita problema do nevrosado.

Eis uma terceira forma de identificação que é absolutamente essencial.

Como não sei a onde isso nos levaria, porque demora sempre mais do que se pensa, o fato de entrar na leitura da observação do artigo publicado na *Revista Francesa de Psicanálise* onde há meu relatório sobre a agressividade em psicanálise (jul.-set). 48 obs. 2 do artigo que se chama *Importância do aspecto homossexual da transferência*. Peço que o leiam. Voltarei a ele, mas a este propósito gostaria hoje de articular o ponto onde designo o erro da técnica de análise da transferência presente, homossexual, na neurose obsessiva.

4 de junho de 1958

O que ocorre, na medida em que nos fantasmas aparece o objeto fálico, na medida em que ele é fantasmaticamente o falo do analista, é algo que ocorre aí, no ponto de proliferação já instituído mas que pode sempre estar estimulado, a saber, lá onde o sujeito, na qualidade de obsessivo, mantém para seu fantasma, a possibilidade de se manter para ele muito mais escabrosa e muito mais perigosa que a histérica face a seu desejo.

É isto que aparece *A*, o falo fantasmático na medida em que nesta técnica que estou designando, é aí que o analista vai se fazer, por suas interpretações presentes, insistente, na medida em que o sujeito consente em comungar, engolir, incorporar fantasmaticamente este objeto parcial.

Digo que isto é um erro de plano, que é fazer passar no plano da identificação sugestiva, mui propriamente, no plano da demanda, aquilo que naquele momento está posto em causa; que é favorecer um certa identificação imaginária do sujeito, aproveitando-se, por assim dizer, da tomada dada pela posição sugestiva aberta à análise sobre o fundamento da transferência; que é dar uma solução falsa, desviada, ao lado daquilo que está em causa, não digo em seus fantasmas, mas no material trazido efetivamente pelo sujeito ao analista, e isto se lê nas próprias observações onde se tenciona construir em cima disso toda uma doutrina, toda uma teoria do objeto parcial, da distância ao objeto, da introjeção do objeto, de tudo quanto deriva disso, e para não fazer outra coisa que não introduzir o que continuarei na próxima vez em detalhe, vou lhes dar um exemplo.

A cada instante, nesta observação, é sensível, perceptível o fato que o problema que é a solução da análise do obsessivo, é que o obsessivo descobre a castração pelo que ela é, isto é, pela lei do outro. Quem está castrado é o outro por razão que são as de sua falsa implicação neste problema, o sujeito se sente ameaçado por esta castração, num plano tão agudo que não pode se aproximar de seu desejo sem ressentir os efeitos dele.

O que estou dizendo é que este horizonte do Outro, de grande Outro como tal e na qualidade de distinto do pequeno outro e do fato que aí é que está o problema, está a cada instante tocável nesta observação. Desde a origem, em sua anamnese, o sujeito que, na primeira vez que tem uma aproximação com uma garotinha, foge, apressando-se sob a angústia e vai confiá-lo à sua própria mãe, e se sente tranquilizado a partir do momento em que ele lhe diz: *eu te direi tudo*. Deve-se tomar isso literalmente. Só há uma referência e um comportamento que evidentemente, é um comportamento virtual, um projeto, uma referência apaixonada ao Outro, como lugar da articulação verbal no qual doravante o sujeito vai se investir totalmente. É o único refúgio possível ao pânico que ele experimenta na aproximação de seu desejo. Já está inscrito. Trata-se de ver o que há por baixo.

Quando, após todo tipo de solicitações do analista, certos fantasmas vêm à tona, chegamos a um sonho que o analista interpreta. Ele o diz imediatamente e estritamente como o fato que se torna patente a tendência homossexual passiva no sujeito. Eis este sonho:

*Eu o acompanho em seu quarto, em seu domicílio particular. Há uma grande cama. Eu me deito nela. Estou extremamente constrangido. Há um bidê num canto do quarto. Estou feliz, apesar de não à vontade.*

Dizem que após a preparação deste sujeito por um período já anterior à análise, o sujeito não tem muita dificuldade em admitir a significação homossexual passiva deste sonho.

4 de junho de 1958

Em seu entender, isto basta para articulá-lo? Certamente, retomando-se esta observação, se pode mostrar todos os indícios que provam que isso não basta, mas uma coisa é certa, é que o texto do sonho nos mostra que o sujeito vem se colocar, literalmente, no lugar do outro. Ele o diz: *Estou em seu domicílio particular. Estou em sua cama.*

Por que homossexual passivo? Até ordem em contrário, nada se manifesta que faça do outro nesta ocasião um objeto de desejo. Em compensação vejo nisto e de maneira perfeitamente clara, designa em posição terceira e num canto, algo plenamente articulado e a que ninguém parece dar atenção, mas que, porém, não está aí por nada. É o bidé, a saber, algo que ao mesmo tempo presentifica o falo e não mostra, posto que eu não pressagio que no sonho esteja indicado que qualquer pessoa esteja ocupada a se servir dele. O bidé esta aqui a indicar que aquilo de que se trata, o que é problemático, é com efeito algo presente no assunto. Não é por nada que ele vem, este famoso objeto parcial. É o falo, mas o falo colocado na qualidade, por assim dizer, de pergunta: o outro o tem ou não tem? É a oportunidade para mostrá-lo. O outro o é ou não o é? É aquilo que está por trás. Em resumo, é a questão da castração, a própria questão se quiserem, para o obsessivo, obcecado por limpeza, o que mostra até que ponto, ocasionalmente, este instrumento pode ser uma fonte de perigo.

Não é por nada que evoca estas obsessões de limpeza, pois eu li para vocês este pequeno trecho do bidé que mostra que o bidé, para ele, durante muito tempo, presentificou o falo, pelo menos o seu próprio. É a pergunta a propósito do falo, e do falo na medida em que está posto em jogo, e no nível do outro, como sendo o objeto desta operação essencialmente simbólica que faz com que no outro, e no nível do outro, e no nível do significante, o falo seja o significante daquilo que está tocado pela ação do significante, daquilo que está sujeito à castração.

É nesta articulação essencial, a saber, na medida em que a intenção não é saber se o sujeito, no fim, se sentirá confortado em si pela assunção de uma potência superior da assimilação a um mais forte que ele, mas sim, saber como ele terá resolvido a questão que está no horizonte implícito da própria linha daquilo que está indicado pela estrutura da neurose, a saber, a aceitação ou não do complexo da castração, na medida em que, uma vez realizada ela está realizada em sua função significante.

É aqui que se distingue uma técnica da outra, e eu lhes mostrei por que, independentemente da legitimidade ligada à estrutura, ligada ao próprio sentimento da existência da desejo do obsessivo, independentemente disso, a própria solução terapêutica, se quiserem, o *nó* o fechamento, a cicatriz, digamos, uma vez obtido, não torna duvidoso, absolutamente não, que certa técnica seja desfavorável, não corresponda àquilo que se pode chamar de uma cura, nem mesmo uma ortopedia, fosse ela claudicante, que só o outro pode dar, não só a solução correta, mas a solução eficaz.